

RESUMO/ ABSTRACT

**A tradução de diários para o público infanto-juvenil: as adaptações culturais do livro *Diário de um banana* (volume 1)**

**Resumo:** As traduções dos *best-sellers* para o público infanto-juvenil apresentam inúmeras implicações culturais reconhecidas como estratégias de tradução. Além disso, existe o apelo comercial inserido nesse gênero literário. Esse importante recurso, adotado pelo tradutor e seus editores, tem como intuito alcançar um alvo certo: o leitor de literatura de massa. Nesse sentido, o objetivo deste artigo é analisar algumas frases e expressões culturais contidas na tradução do *best-seller* *Diário de um banana*. Para tanto, a análise compara alguns excertos do texto original, identificando as escolhas lexicais e adaptações culturais usadas pelo tradutor brasileiro.

**Palavras-chave:** *Diário de um banana*; tradução; literatura infanto-juvenil; *best-sellers*. ilustrações.

**The translation of the diaries to juvenile audience: Cultural adaptations of *Diary of a Wimpy Kid* (Volume 1)**

**Abstract:** Translations of bestselling Children's Books (or Juvenile Literature) have many cultural implications recognized as translation strategies. Besides that, there is a commercial appeal which is typical in this kind of genre. This important feature, adopted by the translator and the publishers, has the intention to achieve a certain target: the readers of mass literature. The main goal of this paper is to describe some phrases and cultural expressions in Brazilian translation of the bestseller *Diary of a Wimpy Kid* (volume 1). The analysis compares some expressions and presents some Brazilian translation options, identifying the translator's lexical choice for some selected examples as well some examples of illustration and graphic project.

**Keywords:** *Diary of a wimpy kid*; translation; children's literature and juvenile literature. bestsellers; illustration.

## A TRADUÇÃO DE DIÁRIOS PARA O PÚBLICO INFANTO-JUVENIL: AS ADAPTAÇÕES CULTURAIS DO LIVRO *DIÁRIO DE UM BANANA* (VOLUME 1)

Lucinéa Marcelino Villela

Universidade Estadual Paulista (Unesp)  
lucinea@rocketmail.com

### 1. Introdução

A tradução de literatura infanto-juvenil ainda é considerada uma área pouco estudada no âmbito acadêmico do Brasil. Dessa forma, uma investigação crítica de alguns *best-sellers* para esse público-alvo pode-se constituir em um recurso fundamental para tentar organizar a pesquisa sobre esse tema. Para tanto, as comparações entre original e tradução servem para a identificação de estratégias e dificuldades do processo tradutório voltado a um público com características bastante peculiares como os pré-adolescentes.

Como toda tradução, há a necessidade da realização de um planejamento, do estabelecimento de percursos e decisões em relação à composição da linguagem mais adequada ao gênero literário. No entanto, esta análise deve ir além do texto, já que os livros infanto-juvenis apresentam diferentes códigos de linguagem que devem ser inseridos na cultura de chegada.

A análise realizada focará alguns diálogos e expressões que envolvem questões culturais e costumes trazidos da cultura fonte e que foram adaptados para o cotidiano do leitor da cultura-alvo, buscando a compreensão das adequações que o tradutor apresentou ao verter para o português.

O projeto gráfico e as ilustrações da obra também serão alvo de debate, pois nesse contexto constituem-se como parte integrante do texto traduzido, apresentando a relevância desse tipo de recurso para tal público.

#### 1.2 A Literatura Infanto-Juvenil: conceitos e leituras contemporâneas

A literatura infantil<sup>1</sup> (LIJ) sustenta boa parte do mercado editorial em todo o mundo, o que nos faz afirmar com segurança que não é uma área imatura ou desorganizada. Suas publicações bem-sucedidas e muitas vezes milionárias garantem o sustento de muitas casas editoriais e, com isso, permitem a publicação de outras centenas de livros não tão rentáveis. Não podemos deixar de mencionar também seu papel fundamental na formação leitora da criança.

Já foi constatado que o índice de crescimento da publicação de obras para o público infanto-juvenil no Brasil chega a ser três vezes maior em comparação às publicações para o público adulto (AZENHA *apud* SANTOS, 2009, p. 15).

Mesmo assim, esse tipo de literatura sofre grande preconceito: alguns países estão apenas começando a ter seus estudos focados em LIJ.

Ao consultarmos pesquisas da teoria literária, constatamos que no Brasil, os estudos nessa área são relativamente recentes. O sucesso de autores como Monteiro Lobato, por exemplo, acontece no século XX, ao passo que na Inglaterra, os livros infantis já possuíam uma forte tradição desde o século XVIII.

---

<sup>1</sup> Será utilizado a partir de agora a sigla LIJ para Literatura Infanto-Juvenil.

A escrita dos livros para crianças era vista como uma tarefa pertencente às mulheres, ou seja, inferior, como eram consideradas as mulheres em um passado recente. Segundo Lajolo e Zilberman (2007, p. 9), “salta aos olhos a marginalidade da literatura infantil, como se a menoridade de seu público a contagiasse”.

Conforme a mudança dos interesses literários e a consequente ascensão do gênero, a educação torna-se importante e, nesse contexto, os estudos de LIJ são fortalecidos juntamente com outra mudança positiva: os pais se tornam mais conscientes e informados. Além disso, as crianças sem dúvida estão lendo mais e elas próprias estão fazendo a divulgação do que leem, espontaneamente, boca a boca ou, melhor dizendo, *twitter by twitter*.

Diversos fatores como o impacto causado pela televisão, internet, novas tecnologias e pelo mundo digital impuseram aos escritores a necessidade de imprimir velocidade compatível à constatação de que os leitores demandam textos cuja leitura seja rápida e dinâmica. A atenção das pessoas está diminuindo, especialmente a das crianças: houve uma mudança significativa na forma como elas absorvem as histórias e isso influencia as produções de autores e tradutores.

De acordo com Peter Hunt<sup>2</sup> (2010), “estamos vivendo o momento mais emocionante para os livros dos últimos 400 anos”. Segundo ele, depois da tipografia, a internet foi a grande mudança, e nesse contexto a LIJ é pioneira, pois ela experimenta primeiro o que será usado pelos demais segmentos do mercado editorial. Basta lembrarmos dos livros ilustrados, do uso de *cartoons* e das histórias em quadrinhos.

No mesmo sentido, a criação de mega livrarias com vasta oferta de títulos de livros, agregados a filmes, jogos, blogs com discussões, e outras novidades tecnológicas contribuem para o sucesso vertiginoso da LIJ, especialmente do tipo *best-sellers*, que vem ao encontro da necessidade de rapidez, leitura simples e fluida, narrativa compreensível e sintaxe conhecida, tão recorrente neste século.

Verificamos que a tarefa dos tradutores das chamadas franquias (*Harry Potter*, *Crepúsculo*, *Jogos vorazes*, *Diário de um banana*, etc.) está relacionada à divulgação de produtos “mercadológicos”.

Jeff Kinney, autor da série *Diário de um banana*, usa um modelo antigo de escrita, o gênero diário, mas levanta em seus livros questões atuais e novas abordagens, obtendo, com isso, sucesso absoluto. Sua franquia abriu espaço para outros itens correlatos como filmes, DVDs, camisetas, bonecos, blogs, jogos etc., configurando-se uma obra com forte apelo comercial. Há uma incorporação da literatura pelo meio audiovisual.

### 1.3 A Tradução da Literatura Infanto-Juvenil

A tarefa do tradutor que busca destacar a cultura estrangeira, ao tentar fazer com que uma cultura não somente seja aceita, mas entendida por outra, é criar um terceiro espaço, ocupar um espaço entre duas culturas, um entre-lugar possibilitador do diálogo entre elas.

Nessa perspectiva, no âmbito tradutológico, delinear o receptor é fundamental. Segundo Oittinem:

A pergunta: para quem eu escrevo? é, sobretudo, relevante na tradução de LIJ e a visão do grupo alvo é especialmente importante. Traduzimos para os sentidos, para os olhos e ouvidos das crianças (OITTINEM, 2005, p. 251).

Entretanto, Coillie (2006) contesta tais argumentos, afirmando que:

---

<sup>2</sup> Peter Hunt, professor emérito da Universidade de Cardiff, e autor do estudo *Crítica, teoria e literatura infantil*, recém-lançado pela Editora Cosac Naify.

[...] a questão crucial para os tradutores de livros infanto-juvenis não é para quem eles estão traduzindo. Assim, como os melhores autores, os melhores tradutores não escrevem conscientemente para as crianças. A escritura flui da criança dentro deles (p. 137).

Também são repassados ao leitor-criança ideologias e valores de acordo com o desejo dos adultos e podemos deduzir que cada cultura mantém normas próprias relacionadas aos aspectos pedagógico, social e ideológico, que na tradução poderão se acomodar com maior ou menor facilidade, dependendo da cultura-alvo.

Lawrence Venuti constata, em sua obra *Escândalos da tradução* (2002), que a opção editorial de traduzir *best-sellers* advém de estratégias comerciais que buscam atender às expectativas do público doméstico do gênero de literatura de massa. O leitor da língua de chegada quer reconhecer na obra traduzida assuntos que são comuns à sua cultura. Nessa perspectiva, dentre algumas das características que devem constar no texto encontramos: narrativa compreensível, sintaxe simples e fluida e vocabulário conhecido (Venuti, 2002, p. 239).

Verificamos como o original/tradução analisado neste artigo encontra-se repleto de tais características, possivelmente porque a obra em questão visava ao público de pré-adolescentes e adolescentes.

#### 1.4 Características distintivas da tradução de LIJ

Basicamente dois eixos são responsáveis pelas características da LIJ: um relacionado ao livro em si e as questões textuais e outro ligado ao contexto. Quanto aos fatores textuais, a obra de LIJ precisaria ser de leitura fácil e compreensível e, quanto ao contexto, o que deve contar são os aspectos culturais.

Quando a criança ou o adolescente não consegue compreender o texto traduzido podem ocorrer bloqueios de leitura. O não entendimento de palavras ou frases poderá desestimular o leitor juvenil a continuar a leitura, como a falta de compreensão e a identificação do leitor juvenil com o texto.

Um livro ilustrado é composto de pelo menos três sistemas narrativos que se entrelaçam:

- a) texto propriamente dito (forma, estilo, tom, imagem, motivos, temas);
- b) ilustrações (seu suporte, desenho, colagem, fotografia, pintura);
- c) o projeto gráfico (capa, diagramação do texto, disposição das ilustrações, tipologia escolhida).

A arte gráfica é a parte física do livro que sustenta todas as outras formas de linguagem, servindo de veículo para transportar a mensagem do leitor para ler sua história. Mais do que isso, ao suportar o texto, a arte gráfica tem a função de manter o leitor interessado na leitura. Segundo Oittinem (2000), o aspecto visual, as ilustrações, a tipografia, a forma, a disposição de títulos dos capítulos, *layout*, folha de rosto são também aspectos que influenciam o leitor.

Para as crianças, o visual é considerado tão importante quanto o enredo (Coelho, 2000), e, no âmbito tradutológico, como mostra Azenha (2005, p. 387):

[...] o trabalho do tradutor caminha *pari passu* com o da arte finalista, responsável, no processo de produção do livro, pela inserção de ilustrações e

por suas articulações com o texto. Tais aspectos vão desde a organização e a segmentação da narrativa estabelecendo planos de realidade e fantasia.

A ilustração promove o desenvolvimento das competências leitoras na criança: verbal e não verbal. A ilustração tem funções diferentes no texto e, de acordo com Camargo (1995), as análises das figuras devem focar os significados denotativos e conotativos da linguagem: os primeiros referem-se à imagem que representa, e os conotativos referem-se às associações sugeridas pela imagem.

Nas traduções de LIJ devem-se juntar ilustrações e texto de modo a não se perder o efeito pretendido e o estilo do autor. A capa e contracapa representam o primeiro contato do leitor com o livro, constituindo assim “sua primeira leitura” (RAMOS; PANNOZO, 2005, p. 115). Por meio das imagens, o público infanto-juvenil desvenda o restante do enredo e decifra as pistas que o autor e tradutor deixam nele.

## 2. A série *Diary of a Wimpy Kid*, de Jeff Kinney

A coleção literária infanto-juvenil *Diary of a Wimpy Kid* (Jeff Kinney) apresenta as narrativas divertidas e desastradas de Greg Heffley, um menino americano que enfrenta as dificuldades de ser aceito como “filho do meio” em sua família (seu irmão mais velho, Rodrick, o humilha o tempo todo e o caçula, Manny, sempre é protegido por seus pais). O protagonista também tenta a todo custo ser aceito pelo grupo de alunos populares de sua nova escola.

Em pleno século XXI, época em que supostamente cada vez menos crianças e adolescentes empenhariam seu tempo em leituras de obras “tradicionais” como o gênero diário, o primeiro livro da série alcançou um sucesso estrondoso nos Estados Unidos, sendo seguido por outros cinco volumes, cujos subtítulos são: *Rodrick Rules* (tradução brasileira: *Rodrick é o cara*); *The last straw* (tradução brasileira: *A gota d'água*), *Dog days* (tradução brasileira: *Dias de cão*), *The ugly truth* (tradução brasileira: *A verdade nua e crua*) e *Cabin Fever* (tradução brasileira: *Casa do horror*).

Além dos seis livros da série, o autor lançou coprodutos da franquia, ou seja, livros que aparecem como complementos das obras. Um deles é *Diário de um banana: faça você mesmo*, um diário incompleto, ou seja, o autor apresenta alguns temas para que seus leitores preencham com suas próprias experiências de vida pessoal e escolar. O outro livro complementar, *Diário de um Banana – o livro do filme*, é uma espécie de *making-off* textual dos dois filmes da série.

Esse conjunto de edições de apoio à coleção original reforça nossa teoria de que obras como essa são pensadas como produtos comerciais, franquias que se desdobrarão em outros produtos, apelando para que o leitor em formação consuma o produto de diversas maneiras. Isso enquadraria a série *Diário de um banana* em *best-seller*, de acordo com Lawrence Venuti

A série já possui mais de 43 milhões de livros vendidos no mundo<sup>3</sup> todo e seus três primeiros volumes já foram filmados para o cinema nos Estados Unidos. O terceiro filme foi lançado nos Estados Unidos em 3 de agosto de 2012.

A recepção da obra no Brasil foi igualmente calorosa – a editora V&R possui os direitos autorais da tradução. O filme *Diário de um banana* foi lançado no final de 2010 em território nacional diretamente em DVD para o público pré-adolescente.

---

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://www.bbc.co.uk/news/entertainment-arts-13540941>>.

O primeiro livro da série, assim como os outros, é apresentado no formato de um diário (ver Anexo 2), como se o próprio protagonista escrevesse e desenhasse o livro, como em um livro de memórias.

Todas as páginas do livro contêm linhas; os textos parecem terem sido escritos com caneta e os desenhos simulam uma escrita à mão livre, retratando o dia a dia do garoto. Ele vai escrevendo quando tem tempo, e à medida que as suas relações e as consequências delas vão acontecendo, na escola, com a família, com vizinhos, amigos, professores etc.

Sua rotina é descrita no livro pelo período de um ano letivo em que sofre inclusive com o *bullying* por parte dos colegas, trecho que acaba rendendo os melhores momentos do livro. É um livro com cerca de 200 páginas, de leitura rápida e fluida, com uma mistura de texto e ilustração. Embora classificado como infantil, tem o poder de divertir muitos adultos, já que está cheio de piadas inocentes e descomprometidas que remetem vários pais e tios à própria infância.

O livro foi adaptado para o cinema, mas a obra original seguramente fez mais sucesso com seu público-alvo, pois recria a narração do personagem como um diário escrito de próprio punho. Como todo *best-seller*, há grande identificação do leitor com as personagens que convivem com uma problemática social contemporânea e os valores que representam são naturais e comuns ao público que quer atingir.

Apesar da identificação do leitor com o personagem e a grande aceitação da história, a traduzibilidade desse e de qualquer texto depende das semelhanças ou diferenças de estrutura entre a língua-fonte (LF) e a língua-meta (LM), bem como do grau de inteligibilidade de cada texto: é impossível traduzir o que não se pode entender bem. Com essas perspectivas, trataremos um pouco da traduzibilidade no livro *Diário de um banana* (volume 1) para finalmente abordar diretamente a análise de algumas das expressões e palavras extraídas do livro.

## 2.1 Os Limites da tradução em *O Diário de um banana: um romance em quadrinhos*

Poderão ocorrer imprecisões ao se atribuir a questões culturais tudo aquilo para o qual o tradutor não encontra explicação convincente no quadro da descrição linguística. Mesmo os aspectos aparentemente restritos à dimensão gramatical não deixam de conter marcas culturais e, no plano discursivo, observam-se marcas de natureza particularizadora nas intertextualidades que fazem sentido em determinada língua-cultura e às vezes não fazem sentido em outra língua-cultura.

O envolvimento do tradutor com a cultura de partida e de chegada é que está em jogo, ele deve usar diferentes modos que o levem à significação da cultura do outro.

A fim de atingir os objetivos propostos, optamos por realizar uma análise léxico-semântica de alguns excertos, analisaremos os trechos traduzidos comparando-os com o original.

## 2.2. Possibilidades de tradução e alguns procedimentos técnicos

Considerando os aspectos abordados na teoria deste estudo, faz-se necessário descrevermos alguns procedimentos técnicos utilizados para solucionar as questões culturais envolvidas na tradução do primeiro livro da coleção de Jeff Kinney.

Utilizaremos a proposta de reformulação desses procedimentos apresentada por Rafael Lanzetti (2005).

Segundo tal proposta, os procedimentos podem ser divididos em procedimentos estrangeirizadores e procedimentos domesticadores:

Os procedimentos estrangeirizadores aproximam o texto de chegada do texto original através do recurso de manutenção de itens lexicais, estruturas e estilo. Os procedimentos domesticadores afastam o texto de chegada do texto original, aproximando a tradução das estruturas linguísticas e da realidade extratextual da língua e da sociedade-alvo.<sup>4</sup>

Segundo Lanzetti (2005), alguns dos procedimentos estrangeirizadores são: Tradução palavra-por-palavra, Manutenção de itens lexicais do texto-fonte (empréstimo); Decalque, Manutenção do estilo do texto-fonte, Manutenção do registro, Manutenção do *layout*, Manutenção da complexidade/fluidez estilística e de itens culturais da cultura-fonte.

Já alguns procedimentos domesticadores são: Transposição, Modulação, Equivalência de expressões idiomáticas, ditados, provérbios, sinonímia, domesticação do estilo, Omissão, Compensação, Equivalência estilística (melhoria), Mudança de registro, Mudança de complexidade/fluidez estilística, Adaptação, Domesticação da realidade extralinguística, Transferência, Ilustração.

Tendo elencado alguns dos procedimentos técnicos da tradução, identificaremos no livro *Diário de um banana* alguns trechos nos quais o tradutor optou pela tradução estrangeirizadora e outras em que a tradução domesticadora foi adotada.

Nos exemplos a seguir selecionados, temos situações nas quais se apresentam mais de um procedimento em um mesmo exemplo; há uma interação da literalidade com os traços culturais presentes nas expressões.

### 2.3 Nomes próprios

Na tradução da série *Diário de um banana* todos os nomes dos personagens foram mantidos em inglês.

Alguns exemplos são: Greg, Rodrick, Rowley, Chirag Gupta, Chris Hosey, Lionel James, Jason Brill, Darren Walsh etc.

Ao fazer a opção “estrangeirizadora” de manter os nomes próprios sem nenhuma adaptação, a editora propõe aos seus leitores uma aproximação ao universo dos personagens americanos. Tal escolha demonstra uma atitude elitista da editora, pois sabemos que os leitores infantis brasileiros que mais consumirão esse tipo de coleção são os advindos das classes A e B, os quais normalmente estudam o idioma inglês e estão acostumados com nomes estrangeiros.

#### Diary vs. Journal

No trecho em que a palavra “Journal” aparece pela primeira vez, o personagem faz questão de mencionar a diferença entre os verbetes “diary” e “journal”. Vejamos o original: “*First of all, let me get something straight: this is a JOURNAL, not a diary*” (p. 1).

A tradução para o português do trecho acima foi a seguinte: “Em primeiro lugar, quero esclarecer uma coisa: isto é um LIVRO DE MEMÓRIAS, não um diário” (p. 1).

O tradutor mantém a escolha feita pelo autor, e, embora o leitor brasileiro não esteja habituado com o substantivo “Livro de Memórias”, achou necessário oferecer ao público brasileiro a oportunidade de conhecer a distinção entre os dois gêneros. Novamente

---

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://polipoiesis.blogspot.com.br/2011/09/ola-tods-reproduzo-aqui-um-artigo.html>>.

percebemos uma opção estrangeirizadora, o pequeno leitor brasileiro entenderá que existem diferenças entre os dois tipos de “obras”.

### **Cheerios vs. Sucrilhos**

Na página 12 do original, encontramos o seguinte trecho: “But I guess I must have made a pretty big racket because the next thing I knew, Dad was downstairs, yelling at me for eating Cheerios at 3.00 in the morning.”

Ao compararmos com a tradução “Mas devo ter feito muito barulho porque, quando vi, o papai tinha descido e estava gritando comigo por comer Sucrilhos às 3:00 da manhã” (p. 12), verificamos que o tradutor brasileiro buscou no contexto brasileiro a marca de cereais que correspondesse à americana Cheerios. A escolha pelo “Sucrilhos” foi bem-sucedida, uma vez que tal marca remete à ideia de cereais ao público brasileiro na faixa de idade cinco aos 40 anos de idade.

Ao usar tal estratégia, ao contrário das anteriores, houve uma busca de domesticação de um produto/marca estrangeiro para um produto/marca brasileiro.

### **Bullying vs. Valentão**

Uma das problemáticas mais debatidas nos dias de hoje é o *Bullying*, cujo conceito abrange um conjunto de atitudes agressivas verbais ou físicas sem razões evidentes e que são exercidas por um ou mais indivíduo. O tema tem sido discutido mundialmente e como tal agressão normalmente ocorre no ambiente escolar, qualquer criança ou adolescente brasileiro já está acostumado com o termo em língua inglesa.

No entanto, o tradutor brasileiro preferiu traduzir o termo *Bullying* por “valentão” no trecho abaixo:

*And then they wonder why bullying is such a big problem in middle school* (p. 3).

[E depois se perguntam por que tem tanto valentão no ensino fundamental] (p. 3).

Podemos verificar que o substantivo *bullying* foi substituído por um verbo no presente do indicativo (“tem”), um pronome (“tanto”) e outro substantivo (“valentão”).

Haveria a opção de usar a expressão “assédio moral”, bastante recorrente na língua portuguesa.

### **Independent Study vs. Estudo Independente**

Algumas características do currículo escolar americano não encontram equivalência no contexto brasileiro. Em situações desse gênero, o tradutor preferiu traduzir de forma literal. Vejamos o original e a respectiva tradução do trecho abaixo:

*One of the class I signed up for is something called independent study* (p. 145).

[Uma delas (aulas), para a qual me inscrevi, é uma coisa chamada Estudo Independente] (p. 145).



Temos aqui a tradução palavra por palavra com traço cultural contido na informação de que no sistema escolar americano o aluno pode escolher uma disciplina para cursar, o que não ocorre no ensino fundamental brasileiro.

Os exemplos analisados serviram para ilustrar que as escolhas do tradutor foram pautadas por diversas variáveis e que houve opções (estrangeirizadoras ou domesticadoras) a partir de seu conhecimento do público-alvo.

### 3. Considerações finais

Os procedimentos técnicos e as escolhas de tradução da obra analisada atenderam os objetivos de comunicação eficaz, o que é um requisito do gênero de literatura infantil juvenil. Como a obra em questão é considerada um *best-seller* e possui um apelo bastante comercial, em algumas situações houve a opção por procedimentos estrangeirizadores e em outras pelos procedimentos domesticadores. Tais opções normalmente são tomadas em conjunto com a editora que orienta seus tradutores em relação ao público receptor da tradução e qual a estilística deve ser adotada.

Vale lembrar que em casos de traduções de séries, ou franquias, as editoras normalmente contratam um só tradutor que será responsável pela tradução de todos os livros e, dessa forma, ficará garantida a manutenção do mesmo estilo de tradução, o uso de expressões, apelidos e expressões adotadas ao longo da saga.

Observou-se que trocadilhos e expressões onomatopaicas não sofreram mudança significativa, e os nomes próprios foram mantidos, talvez para não perderem a caracterização.

O projeto dessa tradução confirma o que foi pontuado no resumo e introdução deste artigo: está inserida em um contexto de literatura de massa com apelo comercial.

Ressaltamos, finalmente, que as ilustrações contidas no livro feitas pelo próprio autor Jeff Kinney também foram mantidas integralmente pelo tradutor coerente com a fidelidade tradutória demonstrada por ele na tradução do texto.

### 4. Referências bibliográficas

AZENHA Jr, J. A tradução para criança e para o jovem: a prática como base da Reflexão e da Relação Profissional. *Revista de Estudos Germânicos*, São Paulo, v. 9, p. 367-392, 2005.

CAMARGO, L. *A relação entre imagem e texto na ilustração de Poesia infantil*. Disponível em: <<http://www.unicamp.br/iel/Memoria/poesiainfantilport.htm>>. Acesso em: 10 out. 2011.

COELHO, N. N. *Literatura infantil: teoria, análise e didática*. 7. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COILLIE, J. V. Character Names in Translation. In: COILLIE, J. V.; VERSCHUEREN, W. P. *Children's Literature Translation*. Manchester: St. Jerome Publishing, 2006. p. 123-138.

HUNT, P. *Crítica, teoria e literatura infantil*. Tradução de Cid Knipel Moreira. São Paulo: Cosac & Naify, 2010.

KINNEY, J. *Diário de um banana*. Um romance em quadrinhos. Tradução de Jeff Kinney. São Paulo: Verbara & Ribas Editoras, 2008.

KINNEY, J. *Diary of a Wimpy Kid*. A Novel in Cartoons. London: Penguin, 2007.

LANZETTI, R. *et al.* *Procedimentos Técnicos de tradução – uma proposta de reformulação*, 2005. Disponível em: <<http://polipoiesis.blogspot.com.br/2011/09/ola-tods-reproduzo-aqui-um-artigo.html>>. Acesso em: 20 nov. 2011.

LAJOLO, M; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira*. 7 ed. São Paulo: Ática, 2007.

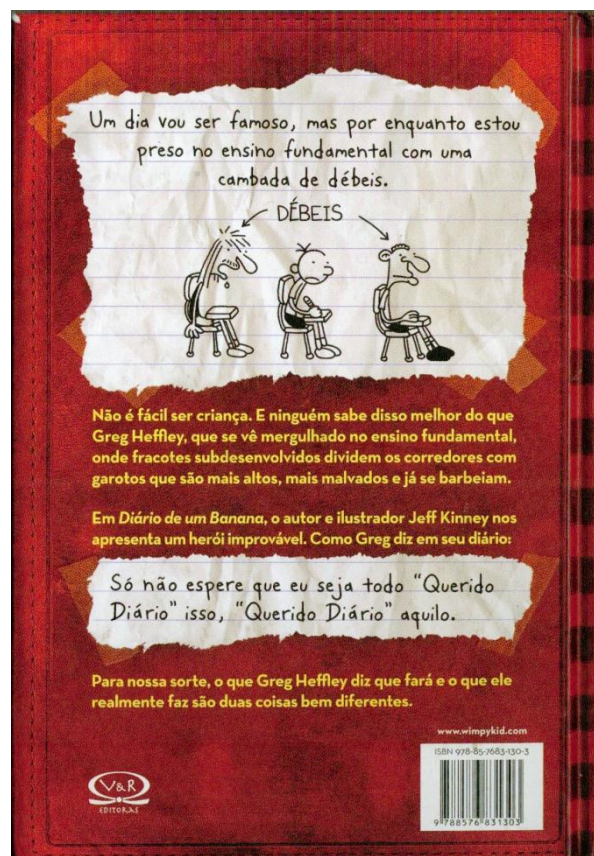
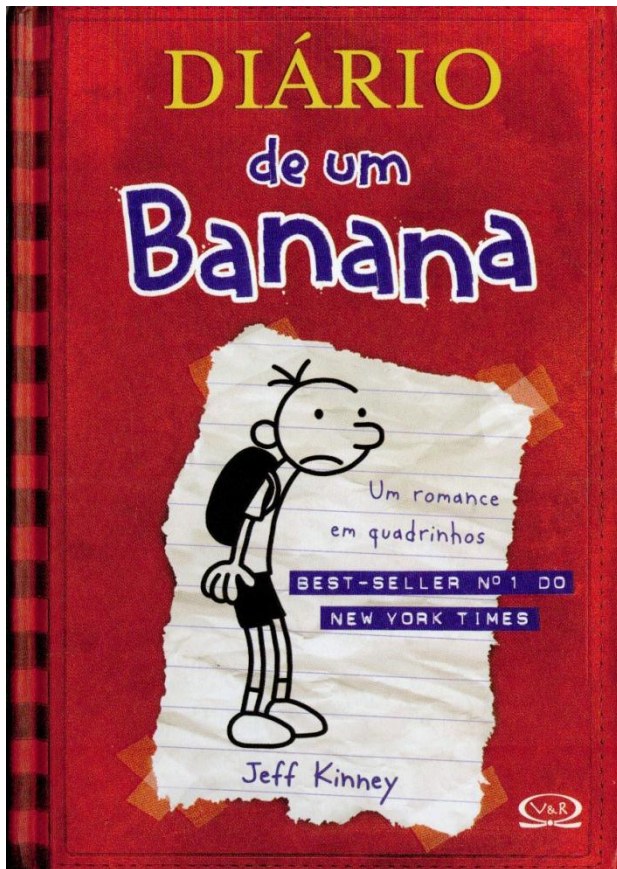
OITTINEN, R. *Translating for Children*. New York: Garland Publishing, 2000.

RAMOS, F. B.; PANOZZO, N. S. P. Acesso à embalagem do livro infantil. *Perspectiva*. Florianópolis, UFSC, v. 23, n. 1, p. 115-130, 2005.

SANTOS, Adriana Maximino. Intertextualidades no romance infanto-juvenil de Cornelia Funke. In: SEMINÁRIO DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL DE SANTA CATARINA, 2009, Palhoça, *Caderno de Resumos*, 2009.

VENUTI, L. *Escândalos da tradução*. Bauru: EDUSC, 2002.

Anexo 1





Anexo 2

